

Paleontologia em Destaque



Boletim Informativo da SBP
Ano 29, nº 67, 2014 · ISSN 1807-2550

ICTIÓLITO, QUE PEDRA É ESTA? - ENSINANDO PALEONTOLOGIA ÀS CRIANÇAS

PAULO GILLIERPE PEREIRA GOMES
Universidade Federal do Ceará. paulo.gillierpe@hotmail.com

A região do Araripe, no sul do Ceará, noroeste de Pernambuco e sudeste do Piauí, no sertão do nordeste brasileiro, possui grande riqueza fossilífera, onde se destacam os peixes cretáceos preservados dentro de concreções calcárias, os ictiólitos do Membro Romualdo da Formação Santana. As comunidades que vivem nesta área, por falta de materiais impressos ou eletrônicos que divulguem a importância dos fósseis da região e de sua permanência no local de origem, para apreço de turistas e pesquisa de estudantes e acadêmicos, os entregam facilmente para visitantes e traficantes levarem para o sudeste do Brasil e para o exterior. Assim, cada publicação que divulgue para o público em geral, e principalmente para escolares, algum aspecto dos fósseis do Araripe vem preencher esta lacuna. Esta ação apoia o crescente movimento de repressão ao tráfico ilegal de fósseis no Brasil e de valorização do patrimônio geológico como elemento de grande potencial para o desenvolvimento autossustentável de uma região, mormente no sertão nordestino, como é a proposta do programa do Governo do Estado do Ceará denominado Geopark Araripe. Deste modo, desenvolveu-se um livro infantojuvenil ficcional intitulado “Ovo de pedra, é ovo ou é pedra?”, que busca explicar o significado dos ictiólitos em meio a um enredo do cotidiano da região e com personagens infantis, considerando que crianças e adolescentes organizam as informações mais eficientemente quando lhes são narradas em histórias estruturadas [Mesquita SN 1986. *O enredo. Ática, 77p.*], permitindo também maior empatia com o público. No livro, ainda em manuscrito, adotou-se o tradicional esquema quinário [Lluch G 2003. *Análisis de narrativas infantiles y juveniles*. Universidad de Castilla La Mancha, 253p.] e outras premissas recomendadas para a elaboração de obras infantojuvenis, inspirando-se na literatura de Monteiro Lobato e Pedro Bandeira, que é bastante desprevensiosa, mas cheia de diálogos, humor e ensinamentos. A intenção didatizante do livro procura igualmente familiarizar os jovens com a terminologia científica, desenvolver o espírito da descoberta paleontológica, alertar para a preservação deste patrimônio brasileiro e, talvez, despertar novas vocações para a investigação dos fósseis. Com esta obra, pretende-se chamar a atenção para a importância da divulgação paleontológica como uma forma positiva de contribuir para a diminuição da evasão de espécimes fósseis para outras terras, em oposição a ações menos construtivas, como ameaças, denúncias e processos litigiosos.

TETRÁPODES TERRESTRES: AMOSTRAS DIDÁTICAS DA OFICINA DE RÉPLICAS DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA USP

T. C. LEAL; V. A. SERAFIM; L. E. ANELLI

Universidade de São Paulo, Instituto de Geociências, SP, CEP 05508-080. *thais.leal@usp.br, veronica.serafim@usp.br, anelli@usp.br*

Relativamente às eras Mesozoica e Cenozoica, registros de tetrápodes terrestres são escassos. No Brasil, o mais antigo registro é o icnofóssil *Notopus petri* Leonardi, 1983, preservado em rochas do Período Devoniano, da Formação Ponta Grossa, no estado do Paraná. Embora duvidoso, trata-se de uma única marca, apresentando quatro dígitos, sem impressão de palma ou articulações, preservada em ambiente marinho. Desenvolver dúvidas, confrontar ideias e abrir oportunidades de interpretação têm gerado novas chances de discussões e aprendizado entre alunos de graduação. O próximo registro de tetrápode terrestre na Bacia do Paraná ocorre em rochas de idade Permiana, da Formação Irati, cerca de 100 milhões de anos mais jovem. Mesossauroideos ocupam uma posição filética basal dentre os répteis. Características morfológicas do seu crânio têm sido exploradas e o estudo do seu modo de vida e reprodução estão em desenvolvimento. Répteis mesossauroideos são o mais antigo registro de tetrápodes terrestres na América do Sul. Seus ancestrais são desconhecidos,

resultando em dificuldades na resolução das afinidades filogenéticas. Desta forma, representam grande oportunidade de exploração de conceitos paleontológicos. Por tratar-se de organismos com registro no Brasil e África e por apresentar abundância de esqueletos completos em bom estado de preservação, representam ampla oportunidade no ensino de geociências. Rélicas de *Notopus petri* e *Mesosaurus tenuidens* são produzidas na Oficina de Rélicas desde 1997. A utilidade destas rélicas em ensino fundamental, médio e superior tem sido certificada entre professores e alunos. A Oficina de Rélicas tem o compromisso de promover a educação em Paleontologia com o uso desse material.

DINOSSAUROS DA BACIA DO ARARIPE NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

FRANCISCO SAMUEL DA COSTA LIMA; LANA LUIZA MAIA NOGUEIRA

Universidade Federal do Ceará (UFC). atheo2008@hotmail.com, lanaluizamaia@hotmail.com

Da Bacia do Araripe, já foram descritas três espécies de dinossauros terópodos cearenses, *Irritator challengeri* Martill, Cruickshank, Frey, Small & Clarke 1996, *Angaturama limai* Kellner & Campos 1996, e *Santanaraptor placidus* Kellner 1999, e uma espécie pernambucana, *Mirischia asymmetrica* Naish, Martill & Frey 2004, todas ocorrentes no Membro Romualdo da Formação Santana. As duas primeiras, pertencentes à família †Spinosauridae, talvez sejam sinônimas, pois os ossos, encontrados na mesma época, são complementares e os dentes muito semelhantes. Se esta hipótese for confirmada, *Angaturama limai* será sinônimo júnior de *Irritator challengeri*, cuja descrição foi publicada meses antes. Informações sobre estes dinossauros são pouco encontradas nos mais de uma centena de livros infantojuvenis em português disponíveis no mercado brasileiro. O primeiro livro que menciona um dos espinossauros é “Viagem ao Cretáceo” de autoria de Francisco Cunha e Willian Brito, publicado em 1999 pela Editora Bagaço de Recife, uma história literária sobre duas crianças que voltam aos tempos cretáceos na região do Araripe, encontrando, entre outros organismos, um *Angaturama*. Em 2003, a Editora Globo lançou um livro de divulgação científica, o “Manual da Pré-História do Horácio”, cujo personagem criado por Maurício de Souza apresenta vários dinossauros brasileiros, mencionando brevemente os dinossauros do Araripe conhecidos até então. Em 2011 surgiram outros três livros de divulgação paleontológica brasileira na qual são citadas as quatro espécies acima mencionadas e suas características morfológicas, com belas ilustrações: “Dinos do Brasil”, de autoria de Luis Eduardo Anelli, “Dinossauros do Brasil” de Luiza Massarani, e “Vitrines do passado”, de Edvaldo Oliva. Esta reduzida oferta de livros sobre os fósseis do Araripe deixa as crianças e jovens que vivem nesta região à margem do conhecimento produzido pela academia há mais de duzentos anos, facilitando o escoamento dos fósseis para outras regiões do Brasil e do mundo, por desconhecimento de seu valor. Todas as obras apresentam o conhecimento cristalizado, sem instigar questionamentos sobre sua possível sinonimia ou seu depósito em acervos longínquos. Entretanto, a elaboração de textos ilustrados infantojuvenis sobre dinossauros e outros temas da Paleontologia do Araripe poderia trazer o conhecimento junto com a reflexão sobre o seu significado em termos de reconstrução da vida pretérita e da importância de se manter os fósseis em seu local de origem, pois assim poderiam reverter em benefício sócio-econômico para a comunidade local, através do turismo científico. Com este trabalho de divulgação sobre os fósseis do Araripe, o povo desta região poderia decidir conscientemente o que deseja para sua terra.